

“EVOLUÇÃO DO PROBLEMA CANAVIEIRO FLUMINENSE”

E' fora de dúvida não ser mais possível fazer-se a boa geografia humana sem uma cultura histórica, econômica e filosófica, perfeitamente disciplinadas

Nesse sentido escreveu textualmente JEAN BRUNHES, que se é delicado observar e explicar os fatos naturais, muito mais difícil é analisar os fatos geográficos humanos, não sendo mais suficiente para tanto, a simples posse do indispensável dom da observação.

Por outro lado, na obra de VIDAL DE LA BLACHE — o grande chefe da escola francesa de geografia humana — sempre foi acentuado pelos criticos autorizados da ciência geográfica, justamente o modo pelo qual o ponto de vista histórico sempre penetrou, dominou e inspirou o exame, a classificação e a explicação de todos os fatos geográficos humanos estudados pelo eminente espírito da França contemporânea.

Acêrca da atuação de VIDAL DE LA BLACHE, escreveu a propósito palavras sugestivas, êsse outro vulto eminente das letras geográficas — EMMANUEL DE MARTONNE — “Não creio que haja alguém demonstrado no mesmo grau a preocupação de visar os fenômenos de Geografia Humana, como estádios dentro de uma longa evolução”. “Essas preocupações históricas elevadas — continuou — não impedem o ponto de vista geográfico de dominar o estudo de tôdas as questões. E' sempre à localização de tipos, à verificação de relações locais que as análises chegam”.

O próprio LA BLACHE, no início de seus *Principes de Géographie Humaine*, ao tratar do *Sentido e objeto da geografia humana*, acentuou que o “elemento humano faz parte essencialmente de tôda geografia; o homem se interessa sobretudo pelo seu conjunto, e, desde que principiou a era das peregrinações e das viagens, foi o espetáculo das diversidades sociais associado à diversidade dos lugares, o que despertou a sua atenção”.

Por seu turno, ponderou CAMILLE VALLAUX, que atualmente a geografia humana se encontra unida à história por conexões múltiplas, as quais, longe de serem laços de sujeição, em verdade representam liames de uma interdependência mútua

Já o nosso muito querido DEFFONTAINES, no prefácio de *Géographie et Colonisation*, de GEORGE HARDY, há pouco tempo, escrevia, que nenhuma ciência possui uma estratégia de observação, como a geografia, sendo esta estratégia completada e controlada pelo “princípio de causalidade”, que não se deve resumir num simples determinismo físico, pois o homem, sua história, sua psicologia, sua sociologia são causas tão eficientes como os fenômenos naturais “A pesquisa das causas deve-se ajuntar como uma grande impressão geral, a idéia da instabilidade no tempo e de evolução perpétua sob a aparente imutabilidade. Nos fatos humanos, a instabilidade é ainda maior; caso se retraçasse a história das culturas, do povoamento, das formas do *habitat*, ver-se-ia como foi regida a geografia humana por uma variada e contínua evolução. A noção de tempo e de idade deve estar sempre presente ao espírito do geógrafo, embora, êsse trabalho, por definição, no domínio do espaço”.

Para o geógrafo-humano, porém, o passado só interessa até o ponto em que se torna necessário à inteligência e à explicação dos fatos atuais, cuja interpretação, segundo o meio físico e social presente, não bastou para torná-los devidamente compreendidos

Cabe, sem dúvida, aos historiadores, o estudo do progresso da civilização, mas êsse estudo é, naturalmente, como frizou NORBERTO KREBS, um dado necessário para o geógrafo, o qual “sòmente pode conhecer e explicar a extensão, classe e densidade da população do solo, mediante o conhecimento do estado de civilização do país, tanto no presente como no passado”.

Vistas, porém, do campo de estudos dos historiadores, as relações entre a Geografia e a História persistem, aparecendo a geografia como a ciência de maior relação de proximidade com a história.

Dentro de um tal ponto de vista, coloca-se, por exemplo, ERNEST BERNHEIM, ao tratar da relação da história com as demais ciências (capítulo II, de sua conhecida obra *Introdução ao Estudo da História*).

Relativamente às relações da geografia com a história, cita BERNHEIM os grandes impulsos recebidos, na Alemanha, pela história local e pela geografia em prol do melhor conhecimento da região, graças aos trabalhos de colaboração de todos os pesquisadores da história com os seus colegas da geografia. Valeram-se aqueles, da contribuição geográfica, principalmente no tocante a onomástica e, melhor ainda, toponímia, estudando a forma original, valor lingüístico e significado dos nomes de lugares, rios e montes para chegar, enfim, a conclusões capazes de fornecerem informações completas, quer de povos, quer das condições primitivas da região e de seus habitantes. Constantemente exibiram as relações dos diferentes temas estudados, sem esquecer os depoimentos dos professores, párocos e outros eruditos, que, ao lado de vários conhecedores das regiões, contribuíram, também, para o enriquecimento das coleções que se foram formando.

*

O que se acabou de dizer a propósito daquela modalidade da História a que denominam *expressionista*, e as considerações tecidas, anteriormente, em torno de resuscitadas, mas sempre oportunas, frases de conhecidos mestres da geografia — cujos conceitos são sempre lembrados a cada passo que ambos os ramos do conhecimento humano se firmam como ciência — vieram a propósito do interesse e do entusiasmo despertado pelo livro do Sr. GILENO DÉ CARLI, livro que acabo de ler cuidadosamente e que procurarei comentar nas linhas seguintes, destacando alguns trechos de maior interesse para os estudiosos da geografia humana do Brasil, particularmente os que dizem respeito à nossa geografia regional.

*

A paisagem cultural da região da baixada fluminense — com especialidade a dos goitacazes — requer um constante apêlo à História para ser bem compreendida nos seus traços fisionômicos mais salientes. Não é possível, com efeito, compreender, e muito menos, interpretá-la, sem um freqüente recurso à História do Brasil-Colonial, à História do Povoamento da região, sobretudo. E' que foram enormes as transformações por que passou, e ainda passa, a paisagem com a chegada da civilização moderna.

Notadamente na baixada dos goitacazes (Campos) a observação geográfica atinge em cheio a paisagem cultural da cana de açúcar, e, aí, o problema da sua interpretação antropogeográfica se reveste de considerável complexidade diante, por exemplo, do fenômeno característico, da existência de pequena propriedade bem ao lado de grande propriedade. Numa região açucareira de grandes usinas, dir-se-ia um paradoxo, quando apenas subentendido em face do meio-físico e social presente. Examinado, porém, à luz da evolução, o problema canavieiro fluminense se esclarece e a interpretação do fenômeno se realiza sem dificuldades maiores, inclusive a da diversidade das duas estruturas econômicas açucareiras existentes no Brasil, quer a do norte, quer a do sul, não tendo esta, como a primeira, a mesma formação e a mesma evolução. Uma tal circunstância, aliás, importante, concorre para explicar, por outro lado, certos traços típicos que marcam, com o cunho da originalidade, a paisagem cultural da rica planície de aluvião do baixo Paraíba do Sul.

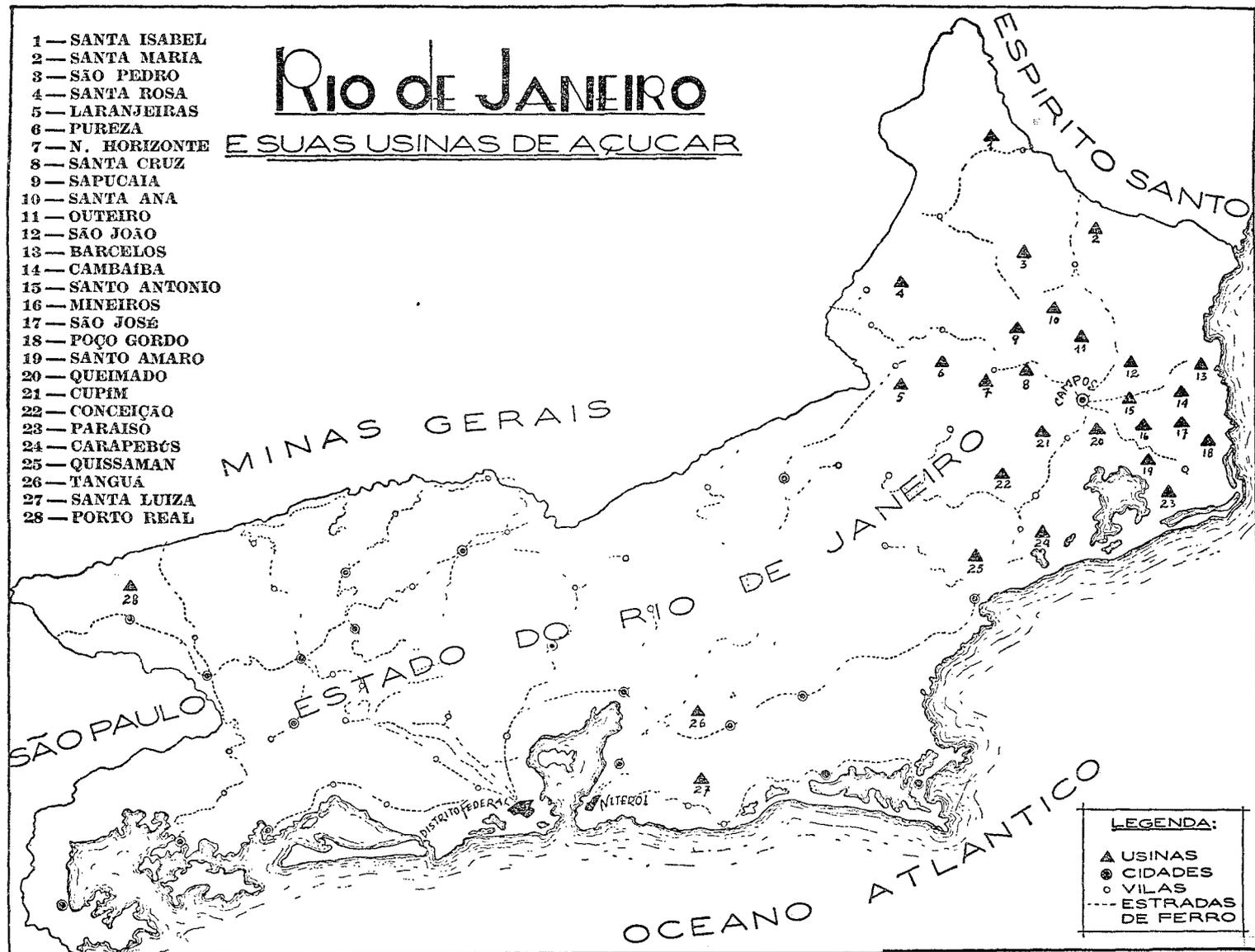
*

O Sr. GILENO DÉ CARLI teve, antes de tudo, o mérito de haver focalizado em seu livro, o problema há pouco aludido. Em páginas de texto, precedidas de uma carta do Estado do Rio de Janeiro com as suas usinas de açúcar, que reproduzimos neste comentário, o autor, com abundância de documentação histórica e estatística, estuda a evolução do problema canavieiro fluminense, abordando os seguintes assuntos, cujo índice se resume:

IMPLANTAÇÃO E EVOLUÇÃO

A POLÍTICA AÇUCAREIRA E O GOVÊRNO IMPERIAL

O GOVÊRNO REPUBLICANO E OS ENGENHOS CENTRAIS

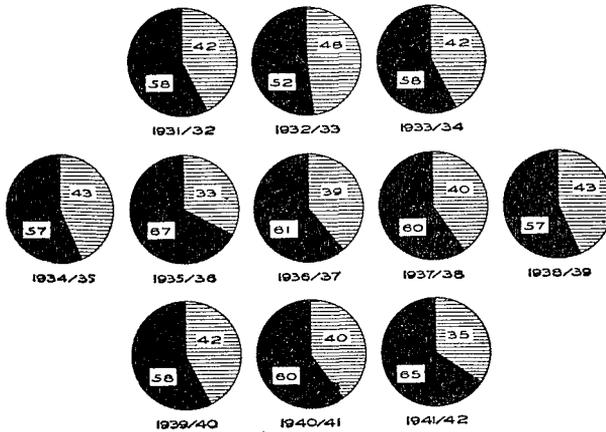


O INÍCIO DA ÉRA USINEIRA
 AS TERRAS CANAVIEIRAS
 O MOSAICO
 O NOVO CICLO ECONÔMICO DA CANA DE AÇÚCAR
 UM MOMENTO DE COMPREENSÃO
 A PROCURA DA FELICIDADE
 A VERTIGEM DAS SAFRAS ALTAS
 A SOLUÇÃO DE UM VELHO PROBLEMA
 O RECORDE DAS SAFRAS
 SÍNTESE RETROSPECTIVA

•

Com o seu livro, o Sr GILENO DÉ CARLI concorre para enriquecer as fontes de que se poderá valer o geógrafo, preocupado em estudar uma região interessantíssima, como é a baixada dos goitacazes, campo magnífico para observações e meditações profundas, para seguras pesquisas no domínio da economia agrícola, principalmente, fator, que é, de remarcada importância no estudo por exemplo, das causas da dispersão ou da concentração do *habitat rural*. Aliás, como tão bem salientou ALBERT DEMANGEON, o regime agrícola além de ter uma influência geral, pode explicar também um grande número de fatos do *habitat rural* apesar de inexistirem leis gerais de aplicação válida para todos os casos e países. A própria distribuição das casas nem sempre obedece à geografia física, pura e simplesmente. Inúmeras vezes subordina-se a causas humanas, históricas ou econômicas e chega, até, a evoluir com o sistema agrícola e as circunstâncias históricas.

Na região da baixada fluminense, por exemplo, observam-se contrastes não apenas no tipo das habitações esparsas, mas também no modo da distribuição dessas habitações, dentro de cada aglomeração, e, até, na maneira de se apresentarem as próprias aglomerações, em seu conjunto



LEGENDA:

■ CANAS DE FORNECEDORES
 ▨ " " USINAS

Percentagens de canas de fornecedores e de canas de lavouras das usinas

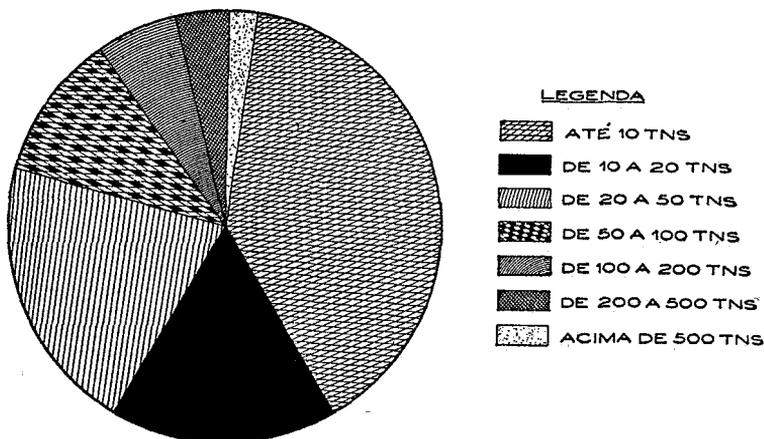
A geografia da paisagem cultural é de uma considerável complexidade, embora de extraordinário interesse, porque, além de estudar as modificações introduzidas pelo homem na superfície terrestre, particularmente através da produção econômica (OTTO MAULL), trata também das alterações provenientes da ocupação do solo e dos meios de transporte, sem abandonar, entretanto, o estudo anterior porém necessário do homem e dos agrupamentos humanos, nas suas ações e reações com o meio-físico, com particularidade no que diz respeito à sua distribuição à superfície da terra, à sua composição étnica e às suas peculiaridades linguísticas, culturais e políticas

Os livros que, desta ou daquela maneira, como *Evolução do Problema Canavieiro Fluminense*, podem contribuir para a elucidação de temas que a geografia da paisagem cultural aborda, só podem ser bem recebidos nesta *Revista*, sobretudo quando são feitos e apresentados por um autor especializado nos assuntos que versa, e que os trata com a segurança e com a autoridade de quem já apresentou à consideração pública, nada menos de uma dúzia de reputados trabalhos de pesquisa, nos domínios da economia açucareira.

•

A flagrante diversidade existente entre a estrutura econômica açucareira do nordeste e a da baixada fluminense, em Campos, pode ser facilmente compreendida após a leitura dos livros do Sr. GILENO DÉ CARLI, os quais, excetuando o que ora se apresenta, compõem a seguinte e sugestiva lista:

- O açúcar na formação econômica do Brasil — 1937.*
- Geografia econômica e social da cana de açúcar no Brasil, 1938.*
- O problema do combustível, 1939.*
- Aspectos açucareiros de Pernambuco, 1940.*
- História contemporânea do açúcar no Brasil, 1940.*
- Estrutura dos custos de produção do açúcar, 1941.*
- O drama do açúcar, 1941.*
- Fatores do custo de produção do açúcar, 1941.*
- O processo histórico da usina em Pernambuco, 1942.*
- Ritmo dos custos de produção do açúcar (safra 1939-1940), 1942.*
- Aspecto da economia açucareira, 1942.*



Classificação média de fornecedores de cana de acordo com o volume de fornecimento de 1931/32 até 1938/39

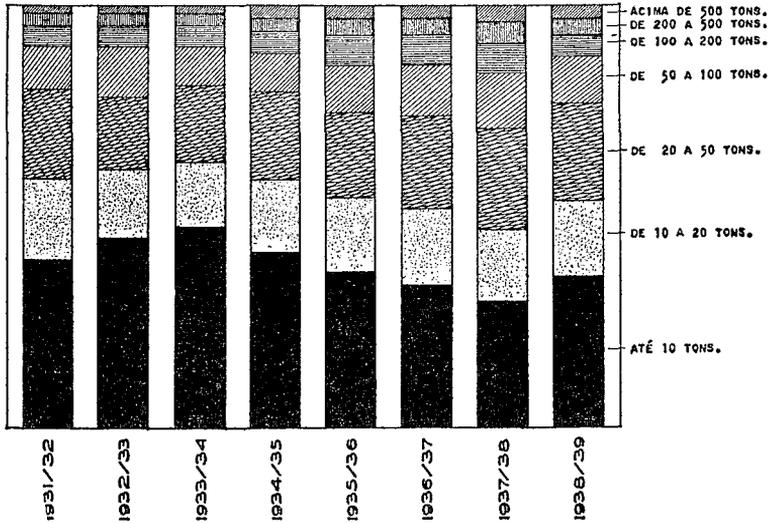
Na *Evolução do Problema Canavieiro Fluminense*, o Sr. GILENO DÉ CARLI — estudou com felicidade o assunto, que denominou o FENÔMENO CAMPISTA, esclarecendo-o:

“A organização do trabalho agrícola da baixada dos goitacazes dentro da economia açucareira mundial, é um fenômeno. Em nenhuma parte, em nenhuma zona canavieira do mundo, se pode encontrar, em tão alto grau, o domínio da pequena propriedade como em Campos. Existe a grande propriedade, porém ao seu lado, vive a pequena propriedade. Dir-se-ia um paradoxo, porque vamos encontrar uma negativa à teoria do darwinismo econômico. Quem então se aprofundar na economia açucareira irá estranhar esse fato. Como pode o pequeno lavrador se opôr — se ele é tão fraco — ao poder formidável de absorção da grande propriedade que lhe é vizinha?”

Aí está uma primeira pergunta do Sr. GILENO, a qual se seguem mais duas: “Teria perdido a usina da baixada fluminense, aquele formidável poder de sucção, que inegavelmente é uma das características da própria usina açucareira?”

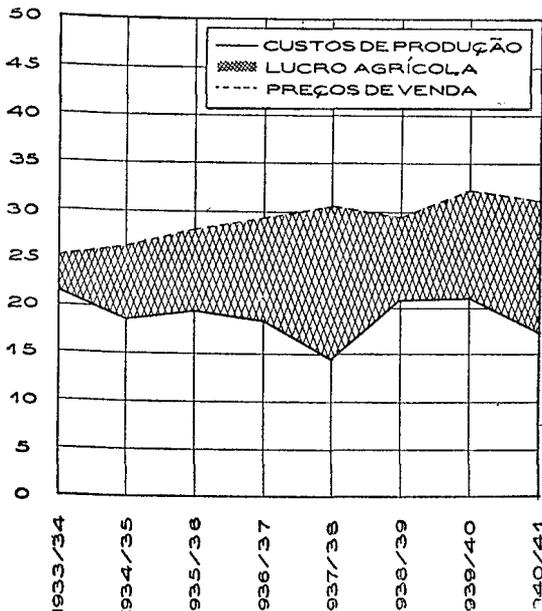
“Onde aquela tendência que a leva a se apropriar de todos os meios da produção, afim de que possa agir dentro de um sistema unitário de exploração agrícola-industrial?”

“Pareceria uma exceção.” A usina campista teve de arcar, porém (conclúe o autor), com uma tradição secular, e não houve ainda nenhuma possibilidade para que o pêso dêsse argumento histórico fôsse compensado com elementos mais novos que pudessem desviar uma velha orientação. Pesa, sôbre a usina campista, com o pêso de um século, a própria terra de aluvião dos baixios do Paraíba. A história da terra campista é que elucidará o fenômeno ante o qual nos encontramos”.



Percentagens de canas de fornecedores de acôrdo com as classificações

Mostrando que a planície campista era o *habitat* maravilhoso para a criação bovina, o Sr. GILENO DÊ CARLI, após se referir a multiplicação dos rebanhos favorecidos pelos campos da baixada, advertiu ter sido o aluvião demasiadamente rico para ser gasto com a criação de gado; como seria difícil a cana de açúcar galgar os escavados morros que barravam a paisagem das baixadas, foi o boi, então, compelido a realizar a ascensão



Custos de produção e preços de venda da tonelada de cana

Ademais, seria difícil uma grande concentração demográfica que já se esboçava, caso permanecesse a exploração pecuária. A agricultura seria a grande fixadora das populações E, assim, Campos vai passando do ciclo do boi para o ciclo do açúcar e, à proporção que a cana vai investindo pelo massapê, subindo o Paraíba, o boi vai sendo empurrado para o lado da serra E os engenhos de açúcar vão aparecendo:

- 34 em 1737
- 50 em 1750
- 168 em 1778
- 200 em 1801
- 400 em 1820
- 700 em 1828.

Mas por que então em Campos a tendência para a pequena propriedade existia já realmente naquela época e de modo notável?

O Sr. GILENO DÉ CARLI que, como sempre, estudou bem o assunto, explicou no seu livro: "Enquanto em outras capitánias as doações eram feitas em grande número, tôdas elas de grandes amplitudes, em Campos houve uma distribuição limitada.

"A serra ao fundo emoldurando a paisagem campista, era um marco natural para as terras úmidas da baixada dos goitacazes. Como a exploração primitiva foi a pecuária e, subsidiariamente, havia pequena agricultura a cargo de rendeiros e foreiros, dentro da grande propriedade estabeleceram-se pequenos quintos. Quando a cana de açúcar começava a invadir o vale do baixo Paraíba, o grande engenho banguê foi-lhe desconhecido por muito tempo. E como era a pequena indústria que imperava, aquelas distâncias estabelecidas até por decreto, de um banguê a outro, para a construção de engenhos, não tinham aí aplicação".

Os pequenos engenhos ficavam, praticamente, à vista um do outro, sendo dois os motivos, ao seu ver, pelos quais não precisavam os engenhos, daquelas distâncias para sua construção: 1º — a uniformidade da terra — baixa, plana, úmida; 2º — a alta qualidade dessas terras — massapê fértil e raro, impossibilitando o seu desperdício.

"Com a criação da pequena propriedade e da pequena indústria, tão cedo se puderam criar o latifúndio e a aristocracia açucareira. Quando chegar a vez do grande engenho e do grande senhor, então sim, começará o processo das incorporações das pequenas propriedades para a formação do grande domínio rural".

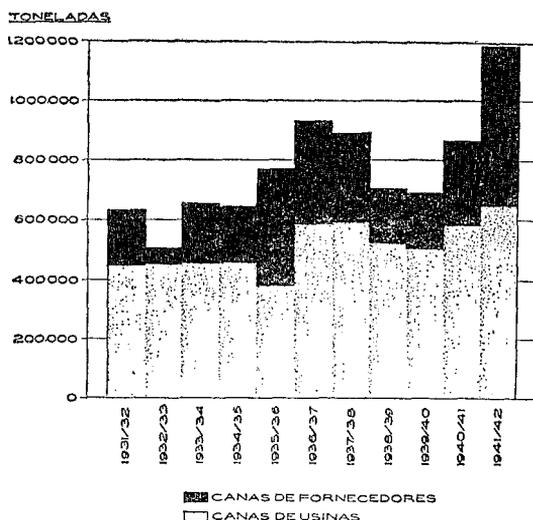
Mas não se pode dizer — conclúe GILENO — que êsse fenômeno tenha ocorrido com freqüência, pois não foram numerosos os casos de grandes engenhos de açúcar em Campos, porque a maior parte das terras canavieiras foram caindo em mãos de ordens religiosas, citando o autor, o caso do Mosteiro de São Bento, que, embora possuindo grandes propriedades, não as podia explorar diretamente, daí aforá-las, arrendá-las, em porções ora pequenas, ora maiores, continuando os aforamentos, em geral, e daí por diante, em progressão, às vêzes, um tanto demasiada.

*

A questão da mão de obra escrava, em face do pensamento da classe dos senhores rurais: a concentração industrial e o sonho dos engenhos centrais, tudo é focalizado pelo autor, até a chegada da República, sob cujo regimem, foi o problema canavieiro fluminense estudado nos capítulos seguintes.

*

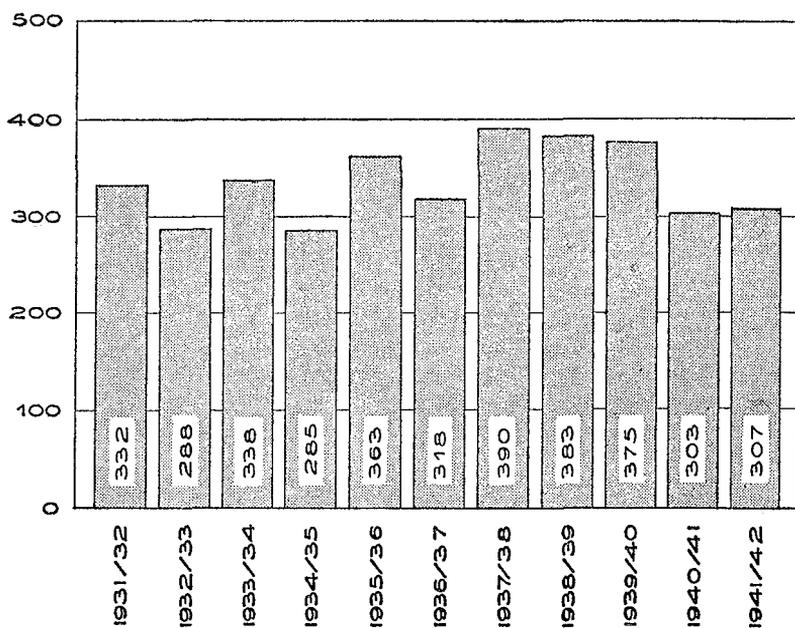
O início da era mineira, as realizações, a vida do lavrador, a crise açucareira, a falência dos engenhos centrais, bem assim, as causas da grande crise que entorpeceram o desenvolvimento da indústria açucareira do país, são outros tantos capítulos que se lêem com o prazer de quem se encontra, sinceramente interessado, pela elucidação dos problemas brasileiros regionais, à luz da história, da economia, da sociologia, da geografia — e por que não dizê-lo? — da estatística. Aliás cumpre-se salientar, outrossim, a feição estatística do trabalho do Sr. GILENO DÉ CARLI, que enriqueceu a obra com inúmeros gráficos e dados sugestivos, como é possível fazer idéia observando alguns dêles, aqui reproduzidos.



Volumes de canas moídas de fornecedores e de usinas

Renascimento e luta; a ameaça de greve dos lavradores; o panorama da lavoura canaveira (rendimento em açúcar sobre o peso da cana, salários dos trabalhadores, etc.); a situação em 1917; eis outros tantos temas de que trata, em seu trabalho o economista, que, às páginas 68, 69 e seguintes, dá-nos uma descrição da paisagem açucareira, sob o título *uma visão do Nilo*, com indisfarçável sabor geográfico:

“Apesar de haver anos em que o preço da cana caía bastante, o solo de Campos é de tal maneira fértil que, com o rendimento elevado, o agricultor podia ainda viver. As planícies campistas podem ser consideradas como o melhor “habitat” da cana de açúcar no Brasil. Essas planícies se prolongam numa extensão de mais de 120 quilômetros a partir da serra do Mar; são cortadas pelo Paraíba, e diversos afluentes Campos não poderia, por ser um município açucareiro, plantar-se longe de um rio; e determinou-lhe o destino que o Paraíba como um pequeno Nilo, lhe atravessasse as terras, espraiasse suas águas, nas planícies infindas, desde tempos imemoriais, construindo numa sedimentação constante a grande camada de terra aluvional, numa baixada de extensões desmedidas. Dir-se-ia, que numa convulsão geológica, a terra abatera ao longo da cordilheira dos Órgãos, afastando o mar para além de São João da Barra.



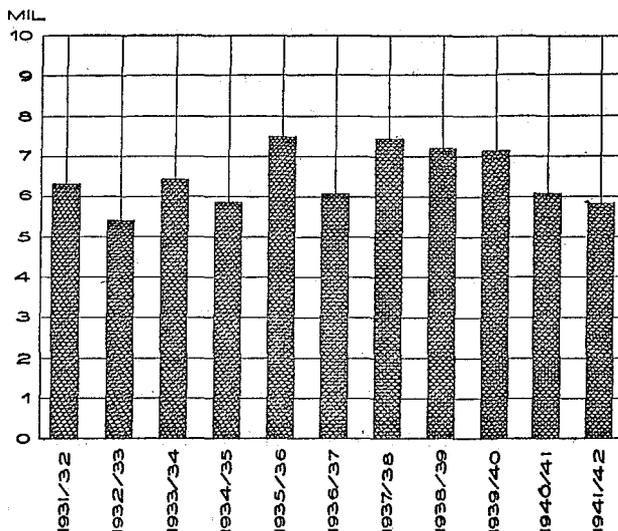
Média de fornecedores, por usina

Um pouco antes de Campos, em São Fidelis, o Paraíba, que atravessou impecilhos abrutos da Mantiqueira e varou altiplanos, espreme-se sinuoso, entre as asperezas dos contrafortes das montanhas pertencentes à serra do Mar, deixa o acidente e investe pela planície, num desnível de 1 600 metros do seu nascedouro. Ai, é curso franco, sem apertos. Quando na serra as catadupas espandam água, escorrendo aos borbotões pelas grotas, pelos córregos entumecidos, o rio incha, empazinado, revólto, se atritando nos desfiladeiros, se apertando nas gargantas de granito, onde a erosão milenar pouco consumiu; depois, cansado, o rio como que se fatiga e desdobra o seu leito, ganhando novas margens em busca de outros limites para as suas águas crescidas. E' a inundação da baixada campista.

Conta a história que em 1883, Campos ficou submersa com o caudal. O fenômeno se repetiu em 1841, 1877, 1896, 1917, 1932. E todas as vezes, os campos ficaram hidrópicos, amolecidos de tanta

água, cobertos de humus e cheios de grés ferruginoso, resultante da alteração do diorito constitucional, arrastado de terras paulistas, por onde a enxurrada vinha rolando Assim, Campos se fez fértil, a ponto de dar a impressão de ser, no Brasil, o *habitat* da cana de açúcar.

Mas, um dia o homem se associou à técnica. O rio não era somente um acidente geográfico. Começaram a impressionar ao homem a relação do rio com o baixada, o benefício da limonagem e os prejuízos das inundações, a acidificação do solo, as endemias que as águas estagnadas escondiam e as terras gordas de humus tornadas lagoas e pântanos, onde o junco, a coirana e a aninga têm o seu domínio.



Número de fornecedores

Ampliando um justo conceito de RATZEL de que todo o Estado é uma porção de solo e de humanidade, JEAN BRUNHES completou, que todo Estado, e mesmo tôda instalação humana, é o amálgama de um pouco de humanidade, de um pouco de solo e de um pouco de água. E, acrescenta que, por este motivo, a hidrografia continental ou marítima sempre exerceu uma grande influência sobre a humanidade.

Mas, além das necessidades imediatas supridas pelas águas dos rios, essenciais à vida, o rio torna-se elemento de ligação entre núcleos humanos, e há quem compare a história de um rio navegável ao estudo de uma aglomeração urbana. Ainda mais aproveitando as declividades dos leitos dos rios, nas corredeiras, nos trechos encachoeirados e nas cachoeiras, a água gera a energia que movimenta os motores elétricos, espalhando a mais barata força motriz.

O Paraíba, porém, em terras americanas, talvez tenha tido o sentido mais civilizador de todos os rios. O grande rio foi motivo de duas culturas, que no tempo, porfiaram uma posição de destaque na economia brasileira. Degladiaram-se durante anos, à busca de hegemonia, cada uma procurando refinar a sua civilização, cada uma impregnando a paisagem, de uma característica. E, enlaçando as duas civilizações, o rio civilizador — o Paraíba — as atravessava, cortando as zonas de catezais e depois a baixada dos canaviais.

No ano de 1919, êsses canaviais prosperavam exclusivamente porque o aluvião era ainda muito bom, pois os métodos de trabalhar a terra eram rotineiros, e a semente de muito má qualidade. As va-

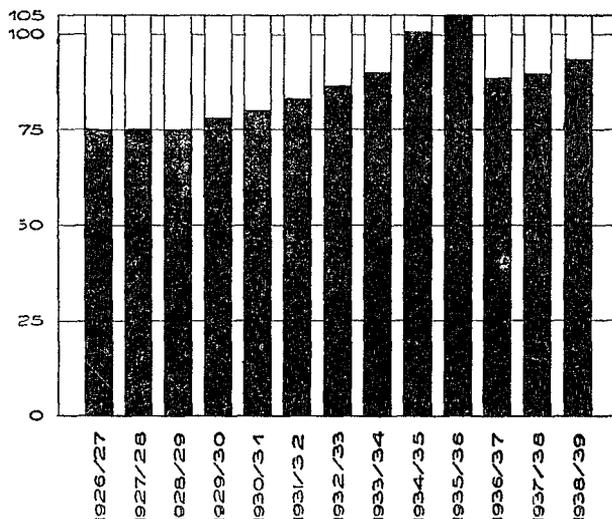
riedades de canas plantadas em Campos apresentavam uma média de teor sacarino de 11,88% e 11,15% de fibra. As variedades predominantes, a "bois rouge" e a "sem pêlo", possuíam uma riqueza em açúcar não excedente de 12%".

*

Feição geográfica análoga imprime ao capítulo *As terras canavieiras* onde, inicialmente, apresenta o predomínio das terras da baixada:

"No Estado do Rio de Janeiro há os seguintes municípios que plantam cana de açúcar: Campos, Macaé, São João da Barra, São Fidelis, Itaocara, Itaperuna, Resende, Saquarema e Itaboraí. Dentre êsses nove municípios, somente os três primeiros se podem considerar municípios canavieiros pela preponderância do plantio da cana, na atividade agrícola-industrial da região municipal.

QUILOS



Rendimentos de açúcar por tonelada de cana

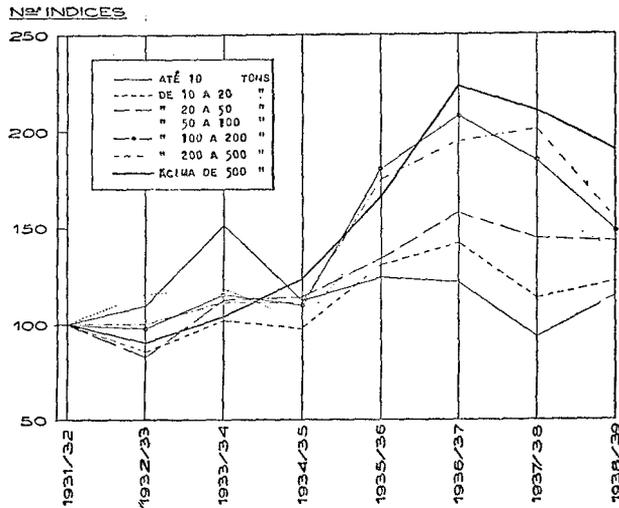
O município de Campos tem uma área de 4 846 quilômetros quadrados, representando 11,43% da área do Estado; o de Macaé tem uma área de 3.037 quilômetros quadrados, representando 7,16% e finalmente São João da Barra com 1.433 quilômetros quadrados, equivalentes a 3,38% da área total do Estado. Não se pode ter uma idéia segura da área realmente cultivável porque uma grande parte da área municipal ou está debaixo de água, formando inúmeras lagoas que se tornam uma das características geográficas da região campista, ou se apresenta como pântanos e charcos, conseqüentes do fraco poder de escoamento das chuvas e águas de inundações e do sistema hidrográfico da baixada.

Assim, já uma grande área se acha eliminada da classificação de terras agrícolas, podendo algumas delas ser destinadas à pecuária que se vai tornando um outro grande elemento de riqueza no município.

As outras terras são tôdas terras canavieiras e se podem classificar como terras de fornecedores de cana e terras de usinas, como método sumamente simples, porém, exato".

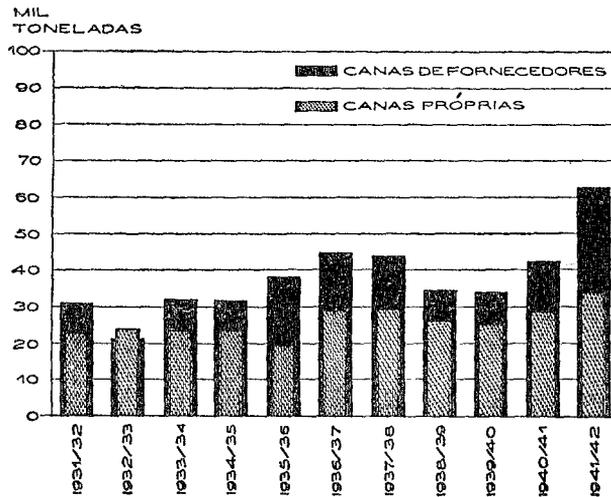
Qual o problema Campista? — pergunta o autor, ao terminar.

"O problema fundamental da lavoura canavieira campista, isto é, fluminense — responde — é o da preservação do solo e da exploração canavieira, nas mãos dos antigos, verdadeiros e tradicionais plantadores de cana. A usina de açúcar e o grande fornecedor de cana, ambos, — é de justiça ressaltar, em maior escala o grande fornecedor — estão praticando a política da ampliação das terras próprias e da exploração agrícola direta, contribuindo para a proletarianização do pequeno lavrador, que vivia radicado à sua terra dádiosa, no ambiente onde êle encontrava a sua maior felicidade. Êle era dono da sua pequena terra."



Variações, em números índices, das classificações dos fornecedores

Todo livro é assim, interessante, erudito, apresentando e elucidando questões, claro, bem equilibrado, oportuno.



Média de toneladas de cana de fornecedores e própria por usina

A respeito — e recentemente — manifestou-se o sociólogo fluminense OLIVEIRA VIANA:

“Pela riqueza da documentação e pela honestidade da pesquisa e da análise, o seu livro sobre a evolução do problema açucareiro na baixada campista representa uma bela contribuição, trazida não apenas à história da economia açucareira do Brasil, mas também à nossa história local fluminense, não só econômica, como mesmo política”.

*

Para OLIVEIRA VIANA a *Evolução do Problema Canavieiro Fluminense*, nos permite compreender não apenas a situação real da classe dos fornecedores nesta região privilegiada; mas, muito mais do que isto, a sua própria história social e mesmo política, principalmente essa extraordinária vitalidade cívica, que torna o núcleo campista inteiramente original no conjunto da população fluminense.

*

Livros como o do Sr GILENO DÉ CARLI ajudam o geógrafo a compreender uma região “sui-generis”, não somente quanto aos fenômenos de geografia urbana, mas também quanto aos fatos de geografia social e de puro domínio econômico.

Aos traços singulares da paisagem cultural não são estranhos, por outro lado, o aspecto, a forma, a conformação e a constituição dos terrenos onde se implantou a lavoura canavieira, bem assim, a posição das terras em relação ao Paraíba, ao mar e à Capital da República.

A própria forma plana do terreno liga-se, por outras vias, a existência de uma categoria de trabalhadores residentes na cidade e nas sedes distritais, contrastando com o comumente observado em outras regiões brasileiras produtoras de açúcar.

Campos é um complexo geográfico para a inteligência do qual a investigação cuidadosa da origem e da formação do quadro físico é imprescindível e a pesquisa das causas do povoamento, das correntes deste, de sua evolução, da ocupação do solo, da sua formação política, uma necessidade absoluta.

É um exemplo de como podem atuar a inteligência e a vontade humana, segundo as circunstâncias históricas, os recursos técnicos e a capacidade financeira num meio físico plástico cuja riqueza dos aluviões sempre foi uma sugestão à grandeza.

Rio de Janeiro, 20 de Junho de 1943.

José Verissimo da Costa Pereira